

A IMPRENSA COMO INIMIGA: O DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM 2019 E 2020

Ellen Taborda Ribas¹

Este trabalho traz um recorte da pesquisa de Mestrado², em andamento, que tem como objetivo principal compreender o funcionamento do discurso do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, sobre a imprensa. Mobilizamos os dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux, na França, e relida e transformada por Eni Orlandi, no Brasil.

Para este texto, recortamos a designação “cercadinho”, que tem sido recorrente para referir ao espaço reservado aos jornalistas em frente ao Palácio da Alvorada, residência oficial da Presidência da República, em Brasília. Buscamos os efeitos de sentidos decorrentes dessa designação, mobilizando esse conceito a partir de Guimarães (2017, 2015).

O “cercadinho” é um espaço gradeado e dividido em dois compartimentos: um destinado aos apoiadores do presidente e outro, aos jornalistas. É nesse local, ao ar livre, sujeito a sol e chuva, sem direito a banheiro, sem conforto algum, que Bolsonaro fala com seus seguidores e é interpelado pelos repórteres, que recebem respostas desrespeitosas e ameaçadoras. Nesse espaço, jornalistas também são atacados verbalmente pelos seguidores do presidente.

Fotografia – O “cercadinho”



Fonte: ABRAJI (2020)³

As falas são filmadas e divulgadas nas mídias sociais, principalmente no *YouTube*⁴, por canais de apoiadores e do próprio presidente. O risco à integridade dos jornalistas fez com alguns dos principais veículos de imprensa descontinuassem a cobertura no local.

¹ Mestranda em Letras pela UFPR, com bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo pela UFPR.

² Pesquisa orientada pela Prof.^a Dr.^a Maria Cleci Venturini (PPGL/UFPR).

³ Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/veiculos-de-imprensa-suspendem-cobertura-presidencial-na-porta-do-alvorada>. Acesso em: 7 jan. 2022.

Guimarães (2017, p. 12) diferencia as noções nomeação, referência e designação. A nomeação é o “funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome” e a referência é a “particularização de algo na e pela enunciação”. Já a designação é “a significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato”. Essa relação é “linguística (simbólica) remetida ao real, [...] enquanto uma relação tomada na história”.

Nos interessa, então, a noção de designação para colocar em suspenso a prática de divisão imposta pelo presidente com o “cercadinho”. Procuramos saber como a designação dessa prática funciona pela memória discursiva, que não é a cognitiva e individual, mas a mítica, a social inscrita em práticas e a do historiador, como define Pêcheux (1999, p. 50).

E isso nos remete ao sintagma “cercadinho” e a seus funcionamentos na/pela língua na história, segundo Guimarães (2017, p. 55) com sua “história de nomeações, renomeações e referências realizadas”. O “cercadinho” não é uma descrição “neutra” de um espaço físico, e, sim, uma construção histórica de sentidos na/pela linguagem. A designação é afetada pelas divisões do real, que é heterogêneo, sujeito ao equívoco e à contradição.

A palavra “cercadinho” é uma derivação do verbo cercar. Como verbete, no dicionário *on-line* Priberam, tem-se: “verbo transitivo: 1. fazer cerca a; 2. fechar com muro, sebe, etc.; 3. pôr cerco a = sitiá-lo; 4. [figurado] estar em toda a volta = circundar, rodear; 5. apertar; 6. constranger. Verbo pronominal: 7. ter determinadas pessoas como companhia; fazer-se acompanhar = circundar-se, rodear-se; 8. ficar mais próximo = aproximar-se” (CERCAR, 2021).

O que vem da história e ressoa pela memória discursiva com o sintagma “cerco” é uma tática militar usada desde a Idade Média. Para evitar uma batalha campal, com muito derramamento de sangue, o exército cerca um castelo ou uma cidade, não permitindo que ninguém saia, nem receba água ou alimento. Há duas opções: aguardar até a rendição, o que pode levar muito tempo, ou então invadir o local⁵.

A guerra entra, então, pelo interdiscurso, no processo discursivo do presidente com relação à imprensa. O “cercadinho” significa como espaço político de confronto. Político como Orlandi o define: espaço de conflito (1990) e de relações de poder, que “reside na divisão dos sujeitos e dos sentidos” (ORLANDI, 2017, p. 152).

É nesse espaço político de confronto, no qual os sujeitos e os sentidos se dividem, que o presidente, ao falar usando de ameaça e deboche, demonstra seu poder frente ao inimigo, a imprensa, que se encontra sitiada. Tal como uma tropa inimiga, os jornalistas estão cercados pelo capitão reformado no comando do seu exército – seus apoiadores que estão no “cercadinho” ao lado. Esses soldados também participam da guerra, aplaudindo o comandante e agredindo verbalmente a imprensa. Esse exército também está “controlado”, não pela ameaça, mas pela submissão a seu líder.

Fisicamente, os apoiadores ainda são “contidos” pelas grades, o que traz pela memória discursiva outro uso da palavra cercado: como o espaço circundado destinado à criação de animais. Assim, vem pelo

⁴ “YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos. O serviço foi criado [...] em fevereiro de 2005. A Google comprou o site em novembro de 2006 por US\$ 1,65 bilhão; desde então o YouTube funciona como uma das subsidiárias da Google. É considerado o segundo maior buscador da internet.” BELING, F, 2021. Oficina da Net. As 10 maiores redes sociais em 2021. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-qualis-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em: 17 out. 2021.

⁵ SUPER INTERESSANTE, 2011. Como era um cerco medieval? Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-um-cerco-medieval/>. Acesso em: 10 out. 2021.

interdiscurso outra designação: “gado”, palavra pela qual os apoiadores do presidente têm sido chamados pelos seus opositores, interpelados por uma formação discursiva antagônica.

A designação “cercadinho” produz também efeitos de sentido pela significação histórica do verbo cercar na sua forma pronominal. Ao cercar-se de seus seguidores, aproximando-se fisicamente e conversando, vem, pela memória discursiva, o efeito de intimidade, de que o presidente está próximo do “povo”.

Outra derivação do verbo cercar, o sintagma “cercamento”, traz, pela memória discursiva, os saberes da formação discursiva capitalista, na posição sujeito neoliberal. As leis de cercamento, adotadas na Inglaterra no século XVI, marcaram a ruptura com o feudalismo e o estabelecimento das relações capitalistas. As terras, que eram utilizadas pelos camponeses de maneira comunal, passaram a ser privadas e cercadas⁶. Passíveis de comercialização, viraram mercadoria. Sem ter mais como tirar seu sustento do campo, os camponeses foram obrigados a migrar para as cidades.

O cercamento que estabeleceu limites entre os proprietários das terras e os trabalhadores repete-se de maneira virtual, pelo cercamento do espaço digital feito pelos canais e perfis de apoiadores e do próprio presidente.

De acordo com Dias (2018, p. 29), a constituição e a formulação do discurso digital se dão por meio da sua circulação, compreendida como “compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links”. Nesse tipo de discurso, a formulação é sustentada pela própria circulação, que faz parte da conjuntura de sua enunciação. Orlandi (2001, p. 11-12, grifos da autora) sustenta que “os ‘meios’ não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam”.

O digital muda a relação com a memória, passando de institucional para corporativa, ligada às grandes empresas de tecnologia, como *Google*, *Microsoft* e *Facebook*. E isso tem implicações na constituição dos sujeitos e dos sentidos, afirma Dias (2018). Surge o que a autora cunhou de sujeito de dados, um deslocamento do sujeito de direito, “submisso não ao Estado, mas à tecnologia” (DIAS, 2018, p. 115). Tomando como base a afirmação da autora de que o sujeito de dados “faz ‘falhar’ a ideologia jurídica” (DIAS, 2018, p. 114, grifo da autora), entendemos que há consequência com relação à submissão aos deveres impostos ao sujeito de direito. Ao formular seu discurso, que circula nas redes sociais, o sujeito estabelece uma nova relação com seus direitos e deveres perante à Lei. Assim, a tecnologia, com suas características próprias de circulação, vista não como suporte para um discurso, mas como parte constitutiva dos sujeitos e dos sentidos, afeta a formulação dos dizeres. O sujeito de dados tem a ilusão de que nas redes sociais escapa ao controle do jurídico, nelas podendo se expressar sem as amarras impostas ao sujeito de direito.

Por meio dos dados que fornece voluntariamente às plataformas tecnológicas, o sujeito passa a conviver nas redes sociais com conteúdo personalizado, sob a ilusão de ter a seu alcance todas as informações disponíveis. “A cada clique um desejo capturado pelo algoritmo, que retornará em breve e incessantemente, silenciando outros sentidos possíveis, asfixiando o sujeito em si mesmo” (DIAS, 2018, p. 192-193).

⁶ PINTO, T. S. Cercamentos e Revolução Industrial Inglesa; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/cercamentos-revolucao-industrial-inglesa.htm>. Acesso em: 4 jan. 2022.

Nesse contexto é que circulam as publicações das chamadas milícias digitais, que se apropriam das grandes plataformas, reforçando nas redes sociais o discurso autoritário, como o define Orlandi (2005, p. 86): “[...] aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor”. Nesse cercamento digital, o discurso autoritário funciona pela monossemia, pela repetição, que constrói a imagem da imprensa como inimiga a ser combatida.

Para efeito de conclusão, podemos dizer que, ao mobilizar a noção de designação, é possível apreender que o “cercadinho”, como prática no discurso do presidente sobre a imprensa, funciona como um espaço político de confronto, que produz pela memória discursiva os efeitos de sentido de guerra e de controle. A guerra é combatida tanto no espaço físico do “cercadinho”, quanto no virtual das redes sociais. Espaços que significam discursivamente, pelos efeitos de sentidos convocados pela memória discursiva.

REFERÊNCIAS

CERCAR. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha]. 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cercar>. Acesso em: 3 jan. 2022.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. **Fragmentum**, S.l., v. 40, n. 40, p. 49–68, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/17264>. Acesso em: 9 ago. 2021.

ORLANDI, Eni P. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. *In*: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J. L.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. (org.). **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.